

# Situação Sociolinguística Dos Gavião Kyikatêjê: Conflito Diglóstico Entre As Línguas Indígena e Portuguesa

Sociolinguistic situation of the Gavião Kyikatêjê:  
Diglossia and linguistic conflict between the  
Indigenous language and the Portuguese

Lucivaldo Silva da Costa <sup>1</sup>  
Tereza Maracaipe Barboza<sup>2</sup>

**Resumo:** Descrevemos a situação sociolinguística dos Gavião Kÿikatêjê da Reserva Indígena Mãe Maria, localizada no km 25 da BR 222 (sentido Marabá), no município de Bom Jesus do Tocantins, na região Sudeste do estado do Pará. Os Gavião Kÿikatêjê falam a língua kÿikatêjê, filiada à família Jê, do Tronco linguístico Macro-Jê. A metodologia usada na pesquisa consistiu na aplicação de questionários, entrevistas e observações em locus, a partir da qual pode-se constatar que a língua materna dos Kÿikatêjê tem perdido espaço para a língua portuguesa em todos os domínios sociais dentro da aldeia. Os resultados mostram os aspectos históricos do contato interétnico e a consequente pressão do português sobre a língua nativa, o que contribui para o enfraquecimento linguístico e cultural do povo Kÿikatêjê.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Gavião Kÿikatêjê; Contato interétnico; Contato intergruppal

**Abstract:** We describe the sociolinguistic situation of the Gavião Kÿikatêjê Indians who live at Mãe Maria Reservation, located at the Kilometer 25 km of the 222 federal highway, Bom Jesus do tocantins district, southeast of the of the Pará state. They are speakers of the Kÿikatêjê language which belongs to the Jê-family, Macro-Jê Stock. The methodology used in the research comprised questionnaires, interviews and observations in locus, which allowed the observation that the mother tongue of the Kÿikatêjê had lost ground to the Portuguese language, in all social areas. The results show the historical aspects of the interethnic contact and the consequent pressure exerted by the Portuguese language over the native language, contributing to the weakening of the Kÿikatêjê language and culture.

**Keywords:** Sociolinguistics; Gavião Kÿikatêjê; Interethnic Contact; Intergroup contact.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília-UNB. Docente da Faculdade de Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. E-mail: lucivaldosc@unifesspa.edu.br

<sup>2</sup> Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Docente da Faculdade de Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. E-mail: terezamaracaipe@unifesspa.edu.br

## 1. Introdução

Neste artigo descrevemos a atual situação da língua k̀yikatêjê face ao contato com a língua portuguesa em diferentes espaços sociais da comunidade. Assim, mapeamos alguns pontos relevantes objetivando identificar qual língua tem ocupado maior domínio na interação verbal entre os indígenas. A partir da aplicação de questionário, buscamos investigar as seguintes questões: a) facilidade linguística em k̀yikatêjê e português, b) usos das línguas, de acordo com os domínios sociais e c) usos linguísticos no âmbito familiar, e d) atitudes a respeito de qual língua é a mais bonita e o que pensam sobre o futuro de sua língua. Os questionários aplicados dialogam com nossas observações etnográficas sobre o uso da(s) língua(s) nos diferentes contextos de comunicação na aldeia, buscando ora complementar, ora contrastar os dados obtidos através de nossa observação e dos relatos recolhidos.

Apresentamos, também, breves notas sobre o contexto histórico do contato dos K̀yikatêjê com os não indígenas e com os demais grupos Gavião que já utilizavam mais o Português do que a língua nativa, mostrando que o início do processo de perda da língua materna dos K̀yikatêjê ocorreu a partir do contato intergrupar com os outros Gavião do Estado do Pará, fato que resultou no avanço da língua portuguesa entre esses indígenas, até então, considerados monolíngues em K̀yikatêjê. No quadro atual do contato sobressaem os empreendimentos de projetos urbanos, como a construção da Estrada de Ferro Carajás, da BR 222 e da linha de energia da Eletronorte, interferindo diretamente na vida dos indígenas e promovendo o uso praticamente exclusivo da língua portuguesa pelas novas gerações.

Este artigo traz também os resultados da análise dos dados fundamentados teoricamente na Sociolinguística do Contato de Línguas, em que são abordados os conceitos de diglossia e conflito linguístico, com base em Fergusson (1959), Franceschini (2011) e D'Angelis e Vasconcelos (2011), bem como reporta aspectos históricos do contato intergrupar e interétnico, de acordo com estudiosos da área da Antropologia – Ricardo (1985), Ferraz (1984) e da Educação - Fernandes (2010), nos levaram a perceber como os fatos históricos atua(ra)m na realidade linguística e cultural do povo, no âmbito escolar da aldeia.

O estudo finaliza delineando um quadro da situação sociolinguística dos K̀yikatêjê permeada por conflitos linguísticos entre a língua majoritária, o português, que avança nos diversos domínios sociais, enfraquecendo o uso da língua k̀yikatêjê.

## 2. Os Kÿikatêjê e o contato com outras etnias e não indígenas: breve histórico

O percurso histórico dos Gavião Kÿikatêjê foi marcado por fugas e intensas invasões ao seu território pelos sem terra<sup>3</sup>, além de conflitos internos com outros povos indígenas pertencentes ao mesmo grupo - Parkatêjê e Akrâtikatêjê, que compõem os chamados Gavião do Pará. A denominação Kÿikatêjê, explica linguisticamente a localização “inicial” desse povo. De acordo com Fernandes (2010: 19) significa: “povo do rio acima, da montante, onde, Kÿi é cabeça, katê é dono, e jê refere-se ao povo” e sua trajetória deu-se, segundo esse autor, “primeiramente, no estado do Maranhão, acima do Rio Tocantins, local estratégico escolhido para refugiarem-se da perseguição dos invasores de suas terras”, mas também para “ficarem longe das lentes do órgão tutelar, o então SPI (Serviço de Proteção aos Índios), a atual FUNAI (Fundação Nacional do Índio), por temerem ser capturados e exterminados.”

A história dos três povos Gavião é marcada por encontros e cisões ao longo do tempo, principalmente entre os Kÿikatêjê e os Parkatêjê, cuja relação parece ter sido desde sempre conflituosa. No decurso da migração dos Kÿikatêjê, esses indígenas construíram suas habitações em diversas aldeias no Maranhão quando, então, alguns Akrâtikatêjê e um Xikrín, conhecido como Itacaiúnas, em expedição com membros do SPI, foram encontrá-los com a missão de “amansá-los”<sup>4</sup> e trazê-los para o estado do Pará, onde já se encontravam os demais Gavião – Parkatêjê e Akrâtikatêjê. Em meados de 1970, foram contactados pelo SPI e por eles removidos para o estado do Pará, sob alegação de que estavam sendo ameaçados de serem exterminados pelos brancos. Quando vieram para o Estado do Pará, foram colocados na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), a aproximadamente 40 Km da cidade de Marabá, na mesma aldeia onde os Parkatêjê foram colocados após a Construção da Estrada de Ferro Carajás e, posteriormente, onde foram aglomerados também nessa mesma Reserva indígena, os Akrâtikatêjê, realocados pela FUNAI por conta da construção da Hidrelétrica de Tucuruí<sup>5</sup>.

Com a junção dos três povos Gavião na mesma reserva indígena, passaram a ser comandados, exclusivamente, pelas lideranças Parkatêjê, sendo que o convívio entre estes e os Kÿikatêjê desencadeou em conflitos, pois segundo relatos de Pêpkrâkti Jakukrêikapêiti Ronore Kõnxarti (Zeca Gavião), atual Cacique da aldeia Kÿikatêjê, para a liderança Parkatêjê, chamado de “Capitão”,

<sup>3</sup> Relato do indígena Ajanã Katykti.

<sup>4</sup> Os Gavião Kÿikatêjê eram considerados índios brabos, isto é, os que ainda falavam a língua materna.

<sup>5</sup> Para um estudo mais detalhado do contato/cisão e o processo de junção dos três povos Gavião na Reserva Indígena Mãe Maria, consultar Fernandes (2010) e Ferraz (1984).

todos que naquela época estavam na mesma aldeia construída para aglomerar os três povos, deveriam ser denominados “Parkatêjê”. Essa aldeia, chamada “Trinta”, foi dividida em dois lados, de um lado ficavam os Kÿikatêjê misturados com os Akrâtikatêjê e, do outro, só os Parkatêjê. A mistura desses indígenas desencadeou também uma junção de ideias, pois de acordo com a fala de Zeca gavião, “as festas tradicionais sofreram uma mistura cultural nos ritos indígenas<sup>6</sup>, nos diferentes modos tradicionais dos três povos” e, conseqüentemente, gerando um conflito linguístico.

Parte desses desentendimentos eram provocados pela forma como eram tratados pelos Parkatêjê no que se refere ao emprego da língua materna. A relação dos Parkatêjê com os kupê<sup>7</sup> favoreceu maior apropriação da língua portuguesa pelos mesmos, por isso chamados pelos regionais de “civilizados” em oposição aos Kÿikatêjê que se comunicavam em língua materna, por isso chamados de “selvagens” [...] as conseqüências dessas relações incidiam diretamente na vida escolar das crianças Kÿikatêjê, sendo falantes monolíngues da língua timbira, não logravam êxito nas aulas de língua portuguesa, entendida como língua de prestígio e potencialmente superior. Grifos da autora. (FERNANDES, 2010, p. 26).

Nesse contexto, vemos a “imposição” da língua majoritária, por ser meio de acesso à cultura letrada, em detrimento da língua e cultura dos nativos. O português passa, então, a ser ensinado na escola, silenciando a língua indígena, até então, falada pelos Kÿikatêjê. O contexto histórico nos mostra o momento do processo de perda da língua materna pelos Kÿikatêjê, o qual se configura numa relação de conflito linguístico.

Os interesses do mundo “civilizado”, próprios de projetos de expansão capitalista - construção da Estrada de Ferro Carajás, da BR 222, linha de energia da Eletronorte e a construção da Hidrelétrica de Tucuruí – passam a afetar de forma intensa a vida dos Gavião, a sua cultura, as suas relações internas e, principalmente, a língua, pois diante do contato interétnico as pressões linguísticas para uso da língua portuguesa aumentaram visando à comunicação dos indígenas com brancos. Além disso, percebe-se que houve a perda de poder dos Kÿikatêjê com a junção dos três povos, pois os Parkatêjê comandavam os demais Gavião, impondo uma forma de organização social que enfraqueceu a autonomia dos Kÿikatêjê. Diante disso, os Kÿikatêjê, numa tentativa de recuperar a liderança própria, formaram uma nova aldeia em 2001, atualmente

---

<sup>6</sup> Zeca Gavião exemplifica a festa tradicional do pëp-festa de transição dos rapazes para a vida adulta, que atualmente segue a organização envolvendo os ritos dos três grupos, pois participam dela os Kÿikatêjê, os Akrâtikatêjê e os Parkatêjê e outras etnias como os Guarani, os Xerente e até mesmo os kupê .

<sup>7</sup> Não-indígenas.

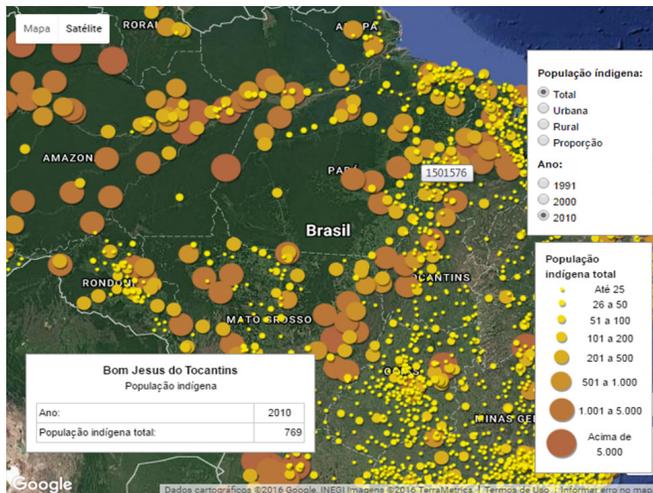
chamada de aldeia Kÿikatêjê. Tal iniciativa tem contribuído na articulação de retomadas das festas tradicionais desse grupo e no ensino da língua materna.

As relações entre os três povos não foi apenas de conflito. O contato intergrupual propiciou casamentos mistos. Outras etnias também estão presentes entre os Gavião por meio de casamentos mistos com pessoas Xerente, Karajá, Xikrín, Guarani, Canela, bem como com não indígenas.

### 3. Resultados e análises da pesquisa

A pesquisa foi realizada entre os Gavião Kÿikatêjê, localizados na região norte do Brasil, sudeste do Estado do Pará - município de Bom Jesus do Tocantins, na Reserva Indígena Mãe Maria, onde vivem 39 famílias, num total de 174 pessoas, incluindo tanto os Kÿikatêjê, quanto indígenas oriundos de outras etnias e também não indígenas. O mapa abaixo ilustra a localização da aldeia. (cf. mapa 01).

Mapa 01 – Localização aldeia Kÿikatêjê<sup>8</sup>



Fonte: <http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>

Foram aplicados 77 questionários<sup>9</sup> com o objetivo de descrever a situação sociolinguística dessa comunidade indígena. Estratificamos os colaboradores da pesquisa em quatro gerações de ambos os sexos. Para a 1ª geração<sup>10</sup> foi aplicado um total de 17 questionários, dos quais 09 com mulheres e 08 com homens. Para

<sup>8</sup> O código: 1501576, dentro do mapa, identifica o município Bom Jesus do Tocantins, onde está localizada a aldeia Kÿikatêjê.

<sup>9</sup> Disponível em anexo.

<sup>10</sup> Para essa geração foi aplicado um número inferior de questionários devido ao quantitativo menor de pessoas mais velhas na aldeia, principalmente, do sexo masculino.

as demais gera es (2<sup>a</sup>   4<sup>a</sup>) aplicamos um total de 20 questionários, dos quais 10 para indivíduos do sexo masculino e 10 para o sexo feminino, conforme quadro abaixo. (cf. quadro 03). Consideramos a faixa etária mínima de 8-12 anos uma variável social importante para a pesquisa, porque, nessa idade, já se tem acesso básico   leitura e escrita, ou seja, acredita-se que, nessa faixa, os alunos estão em processo de alfabetiza o ou de serem “alfabetizados”. As quatro gera es são importantes para observarmos quais faixas-etárias têm mais facilidade no uso da língua indígena e/ou do português. A variável sexo   relevante para medir o nível de uso das línguas nos mais diferentes domínios sociais e familiares pelos homens e mulheres. Outra variável importante considerada na pesquisa foi a ocupa o dos colaboradores, através da qual podemos verificar se a profissão/ ocupa o exercida pelos indivíduos tem interferido no uso de uma ou outra língua, em especial, na língua da sociedade majoritária - o português. Os dados a seguir, constituem tanto informa es obtidas via questionários, quanto observa es participantes, em cenários de vida real na aldeia.

**Quadro 01: Estratifica o dos colaboradores da pesquisa**

Gera�es	Faixa-etária	Sexo	Quantidade	Ocupa�o
1 <sup>a</sup>	40 anos ou mais	M	8	Professor bilíngue, Dona de casa, Artesão, Artes�, Serviços gerais
		F	9	
2 <sup>a</sup>	19-39	M	10	Professor, Dona de casa, Agente de saúde
		F	10	
3 <sup>a</sup>	13-18	M	10	Estudante
		F	10	
4 <sup>a</sup>	8-12	M	10	Estudante
		F	10	

**Fonte:** Pesquisa de campo: 2015-2016

### 3.1 Facilidade linguística na língua indígena e português

Em rela o aos indivíduos da 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> gera o, percebemos que as mulheres apresentam menor proficiência no uso do kyikatêjê, restringindo-se mais ao nível da interlocu o em conversas. Porém, no nível da leitura e escrita, nessa mesma língua, não apresentam domínio nenhum. Em contrapartida, os homens, em sua maioria, apresentam maior proficiência em todos os aspectos: compreensão, fala, leitura e escrita. Quando se trata da proficiência em português, os dados

mostram que os homens apresentarem grau de proficiência restrito em diferentes domínios. Já as mulheres mostram compreensão tanto em conversações, quanto na leitura e escrita.

Dados históricos datados da década de 70 revelam que:

[...] o grupo do “Maranhão”<sup>11</sup> eram, até muito recentemente, monolíngues, à exceção de alguns poucos jovens e crianças. [...] a partir de sua transferência voluntária para um local em frente a aldeia do “Trinta”<sup>12</sup>, em dezembro de 1979, [...] cerca de 75% da população adulta de ambos os sexos fala de modo pouco fluente o português regional, enquanto que os 25% restantes só falam a sua língua original<sup>13</sup>. Entre os adolescentes e crianças, a difusão da língua portuguesa deu-se recentemente, em virtude da maior interação havida entre indivíduos das mesmas faixas- etárias pertencentes a ambos os grupos. (Ricardo, 1985, p. 54).

Os aspectos históricos de contato intergrupar - Parkatêjê e Kÿikatêjê corroboram com os dados atualmente coletados por nós referentes às duas últimas gerações, apontando que, da década de 70 para os dias atuais, a difusão da língua portuguesa atingiu maiores níveis de proficiência entre os mais jovens, de modo a consolidar, praticamente, somente o uso dessa língua em todos os domínios sociais na aldeia. Àqueles que ainda demonstram ter domínio mínimo da língua indígena é porque estão ligados a núcleos familiares cujos mais velhos (1ª geração) são falantes da língua e conversam com os seus na língua materna. Vale ressaltar que as gerações mais novas têm aprendido, desde criança, a língua portuguesa, ou seja, a língua da sociedade envolvente tem sido a língua materna dessas gerações, por meio da qual as crianças interagem entre si e com os outros membros de sua comunidade. Dessa forma, a maioria dos indígenas das gerações mais novas, não fala, nem tampouco, compreende uma conversa na língua indígena.

Ao questionar sobre os usos linguísticos no âmbito familiar, obtivemos respostas que apontam a língua portuguesa como mais atuante na interação entre pais e filhos e mães e filhos, e entre marido e mulher, principalmente durante as refeições. Mas alguns resultados revelam que entre avôs e netos a língua mais usada é a indígena ou as duas, português e kÿikatêjê, simultaneamente. Esse dado ratifica que a língua indígena, entre os mais velhos, é mais falada pelos homens do que pelas mulheres dessa mesma geração, demonstrando que a transmissão da língua está mais a cargo dos mais velhos do sexo masculino do que da mãe e do pai dos indígenas das novas gerações. Tal fato sinaliza que as

---

<sup>11</sup> Em referência aos Kÿikatêjê.

<sup>12</sup> Aldeia dos Parkatêjê.

<sup>13</sup> Língua original, diz respeito à língua indígena.

mães usam em casa, em grande percentual, só a língua portuguesa na interação com os filhos. Estes resultados vão na contramão de índices mais recorrentes em demais comunidades indígenas, onde o papel de difusão da língua materna está mais direcionado à mulher, pois esta permanece mais em casa e, portanto, com menos contato com Português e em contato mais frequente com os filhos. Entre os Kyikatêjê, essa realidade corrobora dados anteriores que mostraram que, em relação aos homens da 1ª geração, as mulheres apresentam menor uso e menor proficiência na língua indígena e, por isso, não estão transmitindo essa língua aos seus filhos.

### **3.2 Domínios sociais das línguas Kyikatêjê e português na aldeia**

A língua portuguesa tem ocupado todos os domínios sociais dentro da aldeia. Apenas os mais velhos têm preservado o uso da língua indígena nas suas relações sociais. Os números ainda nos mostram as mulheres mais velhas com maior preferência para uso da língua portuguesa nos domínios da casa, do trabalho e da aldeia, embora usem, em menor escala, a língua indígena nesses domínios. Ao observar o uso da língua indígena nesses mesmos domínios pelas gerações mais novas, constata-se um percentual mínimo de 10% de uso da língua kyikatêjê pelos homens da 2ª geração. Já as mulheres dessa mesma geração elegem apenas o português nesses espaços. A terceira e quarta gerações de ambos os sexos utilizam, exclusivamente, a língua portuguesa.

Nas festas tradicionais da aldeia, os resultados também apontam uma forte presença da língua portuguesa nos rituais, sinalizando que a língua da sociedade majoritária está ocupando os domínios sociais que seriam peculiares da língua nativa desses indígenas, tendo em vista se tratar de acontecimentos interacionais próprios da cultura Kyikatêjê.

O avanço do domínio da língua portuguesa é notório entre os indígenas em todos os espaços de interação sociolinguística: igreja, escola, ritos tradicionais, conversas entre pais e filhos, entre marido e mulher, conversas informais, reuniões na aldeia, brincadeiras entre crianças e outros. Como estratégia de luta contra esse avanço, as gerações mais velhas, tanto homens quanto mulheres, mostram-se a favor do ensino da língua indígena na escola da aldeia e uma minoria é a favor do ensino de ambas as línguas. Porém, os dados também assinalam que a maioria dos indígenas das gerações mais novas, principalmente, a 4ª geração, afirma ser a língua portuguesa a que deve ser ensinada na escola. Quando se trata da preferência pelo ler e escrever, os resultados sinalizam certa disparidade, pois ao mesmo tempo que a maioria dos indígenas afirma que deve ser a língua indígena a que deve ser ensinada na escola, eles têm preferência pela modalidade oral e escrita do português. Essa situação reflete conflito linguístico entre os dois códigos. Para D'Angelis e Vasconcelos (2011: 9), “se há conflito

linguístico é porque há línguas que representam interesses diferentes ou são mobilizadas para favorecer diferentes projetos de sociedade”.

Partindo das representações sobre o uso da(s) língua(s) nos domínios sociais e domésticos, a partir dos questionários aplicados e observações feitas, as relações diglössicas têm atingido graus de conflito entre a língua majoritária, o português e a língua minoritária, o k̄yikatejê. O que se nota é um cenário linguístico praticamente monolíngue em português, língua dominante que já ocupa diferentes contextos sociocomunicativos na comunidade indígena, até mesmo, em interações verbais próprias da cultura k̄yikatejê, tais como festas tradicionais, cerimônias religiosas, atividades escolares, reuniões internas, brincadeiras infantis e brincadeiras tradicionais, tanto na modalidade oral, quanto escrita. À medida que o português avança em todos os eventos comunicativos por meio de todas as gerações, o uso efetivo da língua indígena ocorre somente entre os mais velhos. Quando, porém, estes falantes interagem com falantes de outras gerações, privilegia-se, o uso do português.

O inter-relacionamento linguístico se estabelece entre diferentes culturas que ocupam status econômico, social e político diferentes. Normalmente, o que se vê é a língua detentora de prestígio sendo a mais forte economicamente. Nesse sentido, a linguagem passa a ser um instrumento de dominação.. A existência de duas ou mais línguas numa mesma comunidade de fala pode resultar na relação de poder entre as línguas – língua dominante versus língua dominada e conseqüentemente, associando a essas línguas uma carga de valor com diferentes graus de prestígio social, resultando em situações de diglossia.

Para Ferguson (1959: 234), diglossia “é a coexistência, em uma mesma comunidade, de duas formas linguísticas, rotuladas por ele de “variedade alta” (high) ou simplesmente H e as variedades dialetais batizadas por ele de “variedade baixa” (low) ou coletivamente L”. A variedade alta é detentora de um poder político que a coloca num alto patamar de prestígio em diversos setores da sociedade: igreja, ensino formal, discursos cerimoniais, além dessas variedades terem suas gramáticas e dicionários. Em contrapartida, a variedade baixa não goza dos mesmos espaços para sua difusão; seu uso fica restrito a contextos de fala informal e é taxada de variedade que se distancia muito do padrão de língua. No que tange especificamente ao contato entre as línguas indígena e portuguesa, fica claro, por todo o contexto histórico conhecido, que esse contato se deu sob conflito entre povos distintos e, por conseguinte, línguas e culturas também distintas. Portanto, a situação de diglossia entre as línguas indígenas e a portuguesa, configura-se como uma diglossia conflituosa entre os dois códigos (cf. Franceschini, 2011: 42).

Apesar do maior uso do português entre os K̄yikatêjê, as atitudes linguísticas das quatro gerações de ambos os sexos mostram-se positivas em relação à língua indígena, pois os falantes a consideram mais bonita por ser um fator

identitário, que marca a cultura e tradição de seu povo. Obtivemos, também resultados mostrando um percentual mínimo de mulheres, principalmente da 1ª e 2ª gerações, que acham as duas línguas - k̀yikatêjê e português mais bonitas, sendo o k̀yikatêjê “diferente” e parte da cultura ancestral, já o Português é a língua que mais usam e compreendem. Um outro resultado nessa mesma direção foi de um homem da 1ª geração que acha bonita apenas a língua portuguesa.

Ao questioná-los se a língua indígena pode desaparecer, a maioria afirma que não, justificando ser esta língua importante e principal veículo transmissor e propagador da cultura indígena, falada pelos mais velhos, não correndo, portanto, o risco de desaparecer. Outros são categóricos e afirmam haver a possibilidade de a língua acabar, caso não volte a ser transmitida de pai para filho, agravando-se a situação com a morte dos mais velhos, sem que estes passem a língua nativa para as próximas gerações.

### **3.3 Ensino da língua indígena na aldeia K̀yikatêjê**

A escola da aldeia é oficialmente bilíngue, intercultural e nela diz-se haver um ensino diferenciado. Teoricamente, trata-se de uma escola bilíngue na qual as línguas k̀yikatêjê e portuguesa são ensinadas e aprendidas em todas as séries, desde que a grade curricular foi montada com a participação da escola e da comunidade, visando ao ensino da língua materna não apenas a partir da 5ª à 8ª séries, como ocorria quando o currículo anterior era aplicado. A escola conta com um quadro de 09 professores indígenas, sendo 08 K̀yikatêjê e 01 Karajá e mais 18 professores não indígenas. Atende a um total de 325 alunos, somando os da própria aldeia com os de outras 05 aldeias dos outros dois povos Gavião, Akr̀atikatêjê e Parkatêjê. Os níveis de ensino oferecidos vão desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio.

O ensino da língua materna fica a cargo dos professores indígenas da aldeia e eles ministram esse ensino para todas as séries e em todos os níveis. Os materiais didáticos produzidos na língua indígena são escassos. O pouco que há foi elaborado quando havia a presença de uma indígena kaingang na aldeia “que exerceu assessoria etnopedagógica à Associação K̀yikatêjê, na escola daquela aldeia (Fernandes, 2010: 1). Nesse período, empreendeu alguns projetos para a educação escolar bilíngue entre os K̀yikatêjê.

Atualmente, professores pesquisadores da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, juntamente com a colaboração de alguns indígenas da aldeia estão desenvolvendo projetos de extensão<sup>14</sup> visando à elaboração de

---

<sup>14</sup> Programa de Extensão PIBEX intitulado “Mito-poéticas k̀yikatêjê: repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de educação bilíngue”. Este Programa, coordenado pelo professor Hiran Possas, do Curso de Educação do Campo da Unifesspa, iniciou em 2014, foi renovado em 2015 e encerrou em julho de 2016. Como produto deste Programa extensionista foi elaborado o livreto intitulado Mẽ krã Peiti: memórias k̀yikatêjê, que

material na língua materna para subsidiar seu ensino e sua aprendizagem na escola, na tentativa de fortalecê-la a partir do espaço escolar e, paulatinamente, ampliar sua abrangência a outros espaços de uso sociointeracional, que hoje são exclusivos da língua em âmbito nacional.

Nossa observação de algumas aulas, desde o ensino infantil até o ensino médio revelam a hegemonia da língua portuguesa na sala de aula, indiferentemente do tema e da função comunicativa adotados pelo professor ou aluno. A língua portuguesa é a única língua usada para veicular os conteúdos programáticos; todos os materiais didáticos estão escritos em língua portuguesa. As aulas de língua indígena ocupam um espaço mínimo na escola: limitam-se às sextas-feiras. O professor reúne os alunos das diversas séries e em uma única sala, coloca o nome de um animal no quadro, pronuncia o nome do referido animal e pede aos alunos que repitam com ele.

Embora os professores indígenas tenham muito boa vontade e interesse de ensinar a língua k̄yikatêjê na escola, eles carecem de formação pedagógica, de método de ensino e de material didático na língua k̄yikatêjê para que suas aulas sejam estimulantes e interessantes aos alunos. É necessário também se pensar na elaboração de materiais específicos para cada série e ampliar a carga horária de aulas de língua indígena na escola. Essas iniciativas podem ajudar a equilibrar o ensino das duas línguas, fazendo com que a escola tenha um papel contra-hegemônico, na medida em que também ensine a língua indígena e por meio desta transmita os conteúdos da cultura tradicional, diminuindo, assim, as assimetrias linguísticas e socioculturais advindas da relação conflituosa alimentada pelo contato.

#### 4. Conclusão

A situação sociolinguística dos Gavião K̄yikatêjê da Reserva Indígena Mãe Maria, se configura num contexto de conflito linguístico entre a língua indígena e a língua da sociedade majoritária - o português. Com base nos dados coletados, evidenciamos, no que tange à facilidade no uso da língua k̄yikatêjê, que os homens da 1ª e 2ª geração apresentam maior proficiência em todos os aspectos: compreensão, fala, leitura e escrita. Em contrapartida, as mulheres dessas mesmas gerações mostram compreensão maior em língua portuguesa, tanto em conversações como também na leitura e escrita. As gerações mais novas de ambos os sexos têm aprendido, desde criança, a língua portuguesa. Essa realidade mostra o progresso da língua dominante não como uma segunda língua a ser aprendida pelos indígenas, mas sim como língua de aquisição, isto é, o português tem sido, atualmente, a língua materna desses indígenas. Com isso, a língua K̄yikatêjê tem ocupado espaços cada vez mais restritos e, conseqüentemente, tem sua propagação às futuras gerações comprometida,

---

reúne algumas histórias que retratam cosmovisões K̄yikatêjê.

tendo em vista que os mais novos são introduzidos às práticas socioculturais e comunicativas por meio do português, e não por meio da língua k̀yikatêjê.

A língua portuguesa tem ocupado todos os domínios sociais dentro da aldeia pela maioria dos indígenas de ambos os sexos. Apenas os mais velhos têm preservado o uso da língua indígena nas relações sociais na comunidade. E é apenas esse grupo pequeno que tem empreendido estratégias de resistência para que a língua materna não perca ainda mais domínios próprios de uso, principalmente nas festas tradicionais da aldeia, onde os mais velhos cantam e falam na língua k̀yikatêjê. Entretanto, nesses mesmos eventos, peculiares da cultura indígena, os mais jovens usam somente a língua portuguesa. E quando estes usam a língua indígena, é porque estão sendo assessorados por um falante mais velho que os conduz em cantos e brincadeiras tradicionais.

A escola deveria privilegiar o ensino/aprendizagem da língua indígena, mas é a língua portuguesa que nela tem destaque, sendo o ensino da língua indígena reduzido a uma aula semanal, em que é ensinado principalmente vocabulário fora de contexto discursivo. Assim, a língua majoritária tem naturalmente se sobreposto à língua K̀yikatêjê.

A escola da aldeia, por ser teoricamente intercultural, diferenciada, específica e bilíngue é o espaço formal e privilegiado para a promoção do ensino e aprendizagem da língua indígena. Entretanto, atividades de imersão entre falantes mais velhos que dominam a língua e aprendizes são fundamentais e deveriam ocorrer naturalmente nos núcleos familiares. Seria importante que os mais velhos falassem com os jovens apenas na língua indígena. Os jovens poderiam inicialmente responder em português até se sentirem seguros para falar na língua indígena. Essa prática poderia ocorrer através da abordagem denominada por Stephen Krashen (1985), de “input”, segundo a qual é possível aos mais jovens aprenderem a língua indígena no dia a dia da aldeia com os mais velhos, uma vez inseridos em atividades de imersão nos mais variados contextos comunicativos. Ou seja, os mais velhos deveriam se esforçar em falar com os jovens apenas na língua indígena e os jovens, por sua vez, deveriam se esforçar para aprender a relacionar o que foi dito com o contexto das ações (cf. KRASHEN, 1985). Se, além da escola, a comunidade se empenhar a desenvolver atividades de imersão linguística na comunidade K̀yikatêjê, acreditamos que de médio a longo prazo seja possível reverter o quadro temerário de perigo de extinção que caracteriza a língua K̀yikatêjê.

## Referências

- D'angelis, W. R.; Vasconcelos, E. A (Orgs.). 2011. Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas. Campinas, SP: Curt Nimuendajú..
- Ferguson, C A. Diglossia. 1959. Word. vol. 15, pp. 232-251. Disponível em: <http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Ferguson-Diglossia.pdf>.

Acesso em 7 de março de 2015.

- Fernandes, R. F. 2010. Educação Escolar Kyikatêjê: novos caminhos para aprender e ensinar. Programa de Pós-Graduação em Direito. Dissertação (Mestrado em Direito). Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Ferraz, I. 1984. Os parkatêjê das matas do Tocantins: a epopéia de um líder Timbira. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Franceschini, D. C. 2011. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. In: SILVA, Sidney de Souza (Org.). Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, p.41-72.
- Instituto Brasileiro De Geografia Estatística (IBGE). 2016. O Brasil Indígena: mapas. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>. Acesso em 16 de setembro de 2016.
- Krashen, S. D. 1985. The Input Hypothesis: Issues and Implications, New York: Longman.
- Miranda, M. G. 2014. Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê). Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2014. 323f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília.
- Possas, H. M. [et al.]. (Orgs.). 2016. Mẽ krã Peiti: memórias kyikatêjê. Marabá: Editora DNA.
- Ricardo, C. A. (Org.). 1985. Povos indígenas no Brasil: Sudeste do Pará (Tocantins). São Paulo: CEDI.

*Recebido em 14 de maio de 2016*

*Aceito em 20 de junho de 2016*